

PINGA-FOGO

■ **REVISTA MANCHETE RETORNA COM FESTA NO TEATRO BLOCH** - Será no icônico Teatro Adolfo Bloch, no histórico prédio do Russel, o relançamento da tradicional revista Manchete, no próximo dia 17 de março. O espaço cedido por Luiz Calainho, que terá um show do Blue Note, atende um pedido de Andreia Repsold, uma das 20 colunistas da publicação que retorna com edição mensal sob comando de Marcos Salles (ex-Correio da Manhã e ex-O Dia).

■ A publicação terá edição impressa, mas trará novidades na era digital. Cada colunista entrevistador poderá ser assistido em vídeo através de QR-CODE na página da revista.

■ **Salles trabalhou na Manchete, quando cuidou da circulação e das edições de maiores recordes de venda, como a de Carnaval. Agora, ele retorna como proprietário da marca, que adquiriu no final de 2024 após negociações com o empresário Marcos Dvoskin, que também edita a revista Pais&Filhos e havia conquistado a marca Manchete em leilão judicial.**

■ O digital da nova Manchete estará hospedado no R7, do grupo Record, e as entrevistas exibidas na TV Max, na Net.

■ **As gravações das entrevistas já estão sendo realizadas em um estúdio no Recreio dos Bandeirantes e no primeiro número, é claro, terá a cobertura do Carnaval. Nesta fase inicial, a revista terá o foco no Rio de Janeiro.**

■ **PING YANG GANHA SÓCIOS CARIOCAS** - O carioca não precisará mais ir a São Paulo para comer no famoso restaurante Ping Yang Thai. Um grupo empresarial, que possui várias casas no Rio, está entrando como sócio da casa e pretende ampliar as unidades do famoso asiático. A primeira casa da nova sociedade será na Barra da Tijuca.

■ **O contrato foi negociado por semanas e o chef Maurício Santi já aprovou o ponto para a instalação da nova estrela da culinária carioca. Brasília está também na mira dos novos sócios do Ping Yang.**

■ **ESQUECIMENTO MILIONÁRIO** - O motorista de um conhecido político fluminense esqueceu de retirar na mala da viatura uma caixa de caríssimos vinhos que foi dada como presente. Não é difícil de imaginar o efeito sobre as garrafas depois de três dias sob o sol escaldante do Rio.

■ **MUDANÇAS NA PAUTA** - O governador Cláudio Castro conversa esta semana com o presidente da Alerj, Rodrigo Bacellar, sobre o desenho das mudanças que ocorrerão no primeiro escalão do governo do Rio até o final de fevereiro.

■ **LEI DO IDOSO** - A Secretaria de Estado de Juventude e Envelhecimento

Ricardo Couto assume presidência do TJRJ - II

Confira mais fotos da prestigiada solenidade de posse do desembargador Ricardo Couto na presidência do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro



Rosane Naylor

O novo presidente do TJRJ, Ricardo Couto (e), com o advogado Mario Eduardo de Castro (d)



Rosane Naylor

O presidente Ricardo Couto com os desembargadores Luciana Rinaldi e José Carlos Maldonado



Bruno Mirandella / OAB-RJ

A presidente da OAB-RJ, Ana Teresa Basília durante discurso na solenidade



Rosane Naylor

Os desembargadores Sérgio Cavaliari, Ricardo Couto e Maria da Glória Bandeira

Parlamentares e entidades se reúnem, em evento no Sindicato dos Comerciantes, pelo fim da escala 6X1

O fim da escala 6X1, com redução da jornada sem redução dos salários dos trabalhadores, que ganha força no Congresso Nacional, foi debatida nesta segunda-feira (10) por parlamentares e entidades de classe, em evento promovido pelo Sindicato dos Comerciantes do Rio de Janeiro e pelo Sindicato dos Comerciantes de Nova Iguaçu.

A discussão avança a nível nacional com uma proposta de emenda à Constituição e pode ser fortalecida com um plebiscito popular, promovido pelos movimentos sociais.

Presidente do Sindicato dos Comerciantes, Márcio Ayer, organizador do evento, destacou a importância da conscientização popular para que a redução de jornada dos trabalhadores seja alcançada. “Vivemos uma



CM

Pauta foi debatida em evento nesta segunda-feira

situação na qual a realidade dos trabalhadores já piorou muito com a reforma trabalhista. Mas agora temos a possibilidade, sim, de ter uma escala de trabalho mais justa. Uma escala que permita não

apenas o descanso, mas também o lazer”, frisou.

A deputada federal Jandira Feghali (PCdoB) também defendeu que a redução da escala de trabalho sem redução de

salários é possível. “O lobby patronal sempre apontará que não é possível, mas isso não é verdade. Quando lutamos pela licença-maternidade e pelo aumento do salário mínimo foi a mesma coisa. Nunca facilitaram porque não era interessante para eles. Mas salário nunca foi razão de inflação”, contextualizou a parlamentar.

Além de comentar a situação de exploração à qual são submetidos os funcionários do comércio, a deputada federal Enfermeira Rejane lembrou a situação dos profissionais da Enfermagem, categoria que engloba auxiliares, técnicos e enfermeiros. “Trazendo para a realidade da Enfermagem, a escala 6X1 nada mais é do que a escala de 44 horas semanais. As pessoas simplesmente não tem vida além do trabalho”.

Saudável do Rio de Janeiro e o Detro precisam colocar a lupa nas empresas de ônibus intermunicipais sobre a lei que garante a tarifa grátis para até dois idosos por ônibus. No site da Viação 1001, os idosos são orientados a pedir a passagem até dois dias antes da viagem. Na rodoviária de Niterói, por exemplo, as atendentes da 1001 informam que o benefício é possível, mas somente para abril.

■ **ALMOÇO COM RICARDO** - No próximo dia 24 de março, o LIDE SP realiza seu almoço empresarial e terá o prefeito da capital paulista, Ricardo Nunes, como convidado. O evento, que acontecerá das 12h às 14h30, será no Hotel W São Paulo, na Vila Olímpia.

■ **CAPACIT MULHER** - A Secretaria de Estado da Mulher do RJ promoveu, na últi-

ma semana, o lançamento do Capacit Mulher 2025, que já nasce vitorioso, com 410 gestoras e gestores inscritos. O programa vai capacitar servidores municipais para aprimorar e fortalecer as políticas públicas para mulheres nos 92 municípios fluminenses.

■ **UNIÃO ENTRE ESTADO E MUNICÍPIOS** - Na mesa de abertura, a primeira-dama do Estado, Analine Castro reforçou a

importância da união do Governo do Estado e municípios para implementar e fortalecer uma rede de acolhimento e proteção para as mulheres. Representantes de 60 municípios de todas as regiões do estado, incluindo as prefeitas de Vassouras, Rosi Silva, de Cardoso Moreira, Geani Vincler e a vice-prefeira de Nova Iguaçu, Dra. Roberta, estiveram presentes na cerimônia, no auditório da universidade Estácio de Sá, no Maracanã.

Fernando Molica

Hugo Motta e o país do talvez

Depois de dizer que a tentativa de golpe de 8 de Janeiro não foi uma tentativa de golpe, o presidente da Câmara, Hugo Motta (Republicanos-PB), não surpreenderá ninguém se disser que a Terra é plana, que Kamala Harris ganhou a eleição norte-americana e que ele não foi um aliado do então deputado Eduardo Cunha.

Não dá para negar o óbvio: a intenção de 8 de Janeiro foi consequência lógica de uma série de fatos articulados pelo Palácio do Planalto e por lideranças militares e civis para derrubar a democracia.

O que houve na Praça dos Três Poderes não foi um fato isolado e desconectado, mas o resultado de um processo que envolveu questionamentos às urnas eletrônicas, ação da Polícia Rodoviária para impedir que eleitores chegassem às urnas, ameaças de viradas de mesa, o não reconhecimento da derrota por Jair Bolsonaro, o bloqueio de estradas e a cumplicidade das Forças Armadas com manifestações de viés golpista diante de quartéis.

A lista feita no parágrafo anterior é composta apenas de fatos públicos. As investigações conduzidas pela Polícia Federal acrescentaram mais informações relacionadas à trama golpista. Peças encaixadas nos fatos de conhecimento geral e que aos poucos demonstraram o tamanho da ameaça que pairava sobre todos nós — inclusive sobre o mandato de Hugo Motta. Ditaduras

também gostam de perseguir ex-aliados. Muitos de seus colegas, entre eles, muitos que votaram nele para presidente da Câmara, estariam presos, exilados ou mortos.

A turba que ocupou, invadiu e depredou o centro do poder naquele domingo tinha o objetivo de tentar depor, por meio de violência ou grave ameaça, o governo legitimamente constituído. Para isso, com emprego de violência ou grave ameaça, tentou abolir o Estado Democrático de Direito, impedindo ou restringindo o exercício dos poderes constitucionais, crimes previstos pelo Código Penal.

Com exceção de um ou outro desavisado, todos os que, naquele 8 de janeiro, saíram do acampamento abençoado pelo Exército e se dirigiram à Praça dos Três Poderes tinham o objetivo claro de derrubar o presidente da República e gerar uma intervenção militar que implantaria uma ditadura.

Aqueles homens e mulheres, todos maiores de idade, participaram de atos que pediam a entrada dos militares no processo político e a derrubada do governo: fizeram isso desde o anúncio do resultado eleitoral, é o que estava escrito em suas faixas.

Muitos dos que estavam lá entraram nos palácios, agrediram policiais, quebraram móveis e objetos de arte; teve um que defecou na sede do Executivo. Todos sabiam o que faziam, tinham tanta certeza de que seriam

bem-sucedidos que vários postaram vídeos e fotos de seus atos. É evidente que alguns foram mais agressivos do que outros, mas nenhum foi até lá com a intenção de promover um piquenique no parque. O fato de alguns portarem exemplares da Bíblia não os exime de culpa, a história da humanidade está cheia de exemplos de barbáries cometidas em nome de algum deus.

Motta, que tanto citou Ulysses Guimarães em seu discurso de posse, amenizou o 8 de Janeiro para, assim, de forma disfarçada, defender aqueles que queria reimplantar uma ditadura que, como qualquer outra, é digna de ódio e de nojo.

Ex-emedebista, Motta deveria lembrar de um outro integrante histórico de seu antigo partido, o deputado federal Alencar Furtado, do Paraná. Em 1977, num programa do MDB transmitido em rede nacional de TV, ele falou nos desaparecidos pelos militares.

O parlamentar, que teria seu mandato cassado por suas palavras naquele programa, foi claro ao justificar sua condenação à ditadura: “Para que não haja no Brasil lares em pranto; para que as mulheres não enviúvem de maridos vivos, quem sabe, ou mortos, talvez — viúvas do quem sabe e do talvez; para que não tenhamos filhos de pais vivos ou mortos, órfãos do quem sabe e do talvez”. O Brasil deste talvez não pode voltar.

Max Lemos*

Queremos o Lula de volta

Os primeiros mandatos de Lula marcaram a transformação na vida dos brasileiros, especialmente entre os mais pobres. Com uma taxa de juros menor, as camadas mais humildes puderam realizar sonhos antes distantes, como comprar um carro, viajar, financiar a casa própria ou abrir um negócio. Com a economia aquecida, o presidente implementou programas como o Bolsa Família, Minha Casa Minha Vida, Prouni e o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), que impulsionaram obras de infraestrutura e expandiram unidades de saúde e educação por todo o país.

No Congresso Nacional, Lula sempre esteve pessoalmente envolvido com a classe política, tratando-a como um pilar essencial para o crescimento do Brasil. Isso foi crucial para viabilizar os programas que reduziram as desigualdades sociais em estados e municípios. Essa articulação resultou na união de parlamentares de diferentes correntes ideológicas, que formaram uma trincheira de luta em defesa do presidente. Não por acaso, os frutos foram sentidos nas ruas: Luiz Inácio conquistou aprovação popular recorde, aclamado de Norte ao Sul do país.

Mas você deve estar se perguntando: se Lula é o atual presidente, por que queremos ele de volta?

Reconhecemos os esforços feitos que têm sido feitos, mas é essencial que Lula reassuma uma postura mais presente. É preciso eliminar intermediários, derrubar as barreiras que dificultam o acesso direto a ele. A ampla maioria dos parlamentares anseia pela valorização e pela proximidade que marca-

ram os primeiros mandatos do presidente. Caso a sua agenda precise mais espaçada por eventuais razões de saúde, haverá respeito por esse tempo.

Também é importante destacar os aspectos positivos. Iniciativas do governo indicam que aquele Lula ainda está presente, como o retorno do programa Minha Casa, Minha Vida, a criação do Pé-de-Meia e a ampliação da rede de Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, além de investimentos na infraestrutura. Destaco a atuação dos ministros Renan Filho, Jader Barbalho Filho, Silvio Costa Filho e Celso Sabino. É fundamental, ainda, reconhecer a sensibilidade da ministra Margareth Menezes, na cultura, e do ministro Carlos Lupi, na Previdência Social, que atua incansavelmente para reduzir as filas de atendimento.

Mas tudo isso ainda é pouco se comparado ao que Lula já realizou no passado. O país está longe das expectativas geradas com seu retorno, enquanto a população segue cada vez mais sufocada por taxas de juros. É urgente reduzir os preços para devolver ao povo o poder de compra. Mais do que nunca, é fundamental ouvir e se reconectar com os anseios populares, que clamam por mudanças.

Ao iniciar o segundo biênio, fica o apelo: a classe política e o povo querem de volta o presidente Lula de antes — o líder mundial que conheceu, aquele que governou com determinação e transformou a vida dos brasileiros. Sabemos que esse líder ainda existe, e queremos vê-lo por mais perto à frente desse projeto de nação.

*Deputado federal pelo PDT-RJ